

# UM OLHAR PARA A SUBJETIVIDADE ARARENSE: QUAL É O LUGAR DO LOUCO NA CIDADE?

*A GLANCE AT THE ARARENSE SUBJECTIVITY: WHAT IS THE ROLE OF THE CRAZY IN THE CITY?*

Rosa Elisa MADEIRA<sup>1</sup>; Simone Aparecida RAMALHO<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Autora.

<sup>2</sup>Coautora.

Autora responsável: Rosa Elisa Madeira. Endereço: Rua Adolpho Mazieiro, n. 82, COHAB II, Mococa – SP. CEP: 13737-380, e-mail: <[rosa\\_helisa@hotmail.com](mailto:rosa_helisa@hotmail.com)>.

## RESUMO

Esta resenha foi elaborada com base no Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da FHO|Uniararas: “O Discurso que enclausura: o lugar que o louco, a loucura e o manicômio ocupa na subjetividade ararense”, desenvolvido no ano de 2005 por João Paulo Pitoli. Um instigante trabalho sobre a loucura e os seus modos de tratamento, cujo tema se refere às concepções que os habitantes de um município do interior de São Paulo possuem a respeito da temática da loucura e dos chamados “loucos da cidade”, partindo da questão: o que havia em particular na subjetividade de Araras em relação ao seu encontro com o louco, a loucura e a formação de um grande manicômio? Pitoli presenteia-nos com seu trabalho, que fascina o leitor com seu modo de escrita e desenvolvimento do tema, gera incômodos, traz questionamentos e reflexões sobre os assuntos apresentados e discutidos, além de provocar mobilizações e esperanças em relação à subjetividade ararense e aos modos de cuidado em liberdade, modos estes que não existiam até o ano de 2005. O autor parte de suas experiências, memórias e de teóricos, como Foucault e Marlene Guirado, para refletir sobre alguns elementos da subjetividade ararense em relação à saúde mental. Na discussão e na análise de suas entrevistas, foram levantados temas, como o “louco perigoso”, “o louco nunca visto”, “o louco como um desarrazoado... Como um animal?”. O autor conclui que a cidade ainda possui uma subjetividade que “aprisiona” o louco e um olhar para a loucura que não difere muito dos discursos de décadas atrás, quando o manicômio foi construído na cidade. Por isso, o trabalho de Pitoli (2005) continua tendo importância, já que ainda é necessário que esses

modos de cuidado sejam introduzidos, possibilitando outras formas de se olhar para o louco e para o diferente. **Palavras-chave:** Saúde Mental. Hospitais Psiquiátricos. Esperança.

## ABSTRACT

This review is based on the Term Paper of the Psychology Course at FHO|Uniararas: “O Discurso que enclausura: o lugar que o louco, a loucura e o manicômio ocupa na subjetividade ararense”, developed in 2005 by João Paulo Pitoli. An incendiary provoking work on madness and its modes of treatment, whose theme relates to the conceptions that the population of a city in the inland of São Paulo State, they have about the theme of madness and called "crazy town", based on the question: what was particularly in subjectivity of Araras city in relation to its encounter with the crazy, madness and the formation of a large insane asylum? Pitoli offers us with his work, which fascinates the reader with his writing mode and theme development, generates troublesome, raises questions and reflections on the presented and discussed issues, besides provoking protests and hopes for Ararense people, subjectivity and modes of care free, all these, that did not exist until 2005. The author goes through his experiences, memories and theorists such as Foucault and Marlene Guirado, to reflect on some elements of Ararense subjectivity in relation to mental health. In the discussion and analysis of their interviews, issues were raised such as "dangerous madman," "mad ever seen", "mad as unreasonable... Like an animal?". The author concludes that the city still has a subjectivity that "imprisons" mad and a look at the madness that

does not differ much from decades of speeches ago when the mental hospital was built in the city. That is why Pitoli's work (2005) remains of paramount importance, since it is still necessary that these modes

## INTRODUÇÃO

“O Discurso que enclausura: o lugar que o louco, a loucura e o manicômio ocupa na subjetividade ararense”, de João Paulo Pitoli<sup>1</sup>, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Psicologia da FHO|Uniararas em 2005, tem como tema a loucura e as formas de relações existentes na cidade de Araras para com o louco, nas quais passado e presente se entrecruzam na história da saúde mental, nas subjetividades dos cidadãos e na implantação de políticas públicas.

A fim de pesquisar a temática, o trabalho tem como objetivo refletir sobre alguns elementos da subjetividade ararense em relação às suas representações sobre o louco, a loucura e o manicômio, buscando mapear as características do município, além de ressaltar, ao final, que existem

Como podemos conferir na obra de Pitoli (2005), a partir das situações presenciadas por ele e de frases que consideravam, e ainda consideram o sanatório como uma instituição vangloriada e exaltada pelos munícipes, os quais mostraram em entrevistas uma visão de que o tratamento manicomial é um direito dos loucos, o autor passou a ficar incomodado com esses aspectos da subjetividade ararense, assim como com o fato de que:

a cidade de Araras não se dê conta que o tempo e o acúmulo de outras experiências mostram que o asilo psiquiátrico é não apenas desumano, mas pouco útil para o tratamento do chamado louco. A cidade parece não se dar conta que os doentes somente se amontoam nestes espaços, nunca saem, ou quando saem, voltam novamente em pouco tempo [...] Sempre tive a sensação de que algumas coisas, algumas cenas, alguns acontecimentos não tinham espaço no município (p. 7).

<sup>1</sup> João Paulo Pitoli estudou Psicologia na FHO|Uniararas, instituição em que atualmente ele é professor do mesmo curso. Durante a sua graduação, Pitoli concentrou seus estudos em Araras, sua cidade natal. Após formado, ele continuou pesquisando a temática em seu município. A pesquisa resultou em sua dissertação de mestrado: “‘Habitar’ institucional: considerações sobre processos de institucionalização de vidas

of care are introduced, enabling other ways to look at the insane and different.

**Keywords:** Mental Health. Psychiatric Hospitals. Hope.

outros meios para se tratar os loucos da cidade, e que o diferente pode e deve conviver em espaços que vão além daqueles destinados à saúde mental e ao seu “tratamento”.

O interesse pelo tema se deu pelo fato de o autor ter nascido em Araras e de possuir memórias diversas sobre o manicômio da cidade. A mais marcante destas memórias é a imagem do trenzinho com os loucos passeando pelas ruas “com todos aqueles loucos sentados, plenamente passivos e falando coisas a esmo, e sendo vistoriados em pé pelos enfermeiros de branco” (p. 99), além das experiências que teve ao realizar estágios no ambulatório da cidade. Pitoli (2005) conta que enxergava o descaso, os maus tratos e a institucionalização intensa com os seres humanos chamados de loucos e se incomodava com isso.

Partindo desses incômodos, o autor presenteia-nos com este belíssimo trabalho, pois apresenta uma escrita rica em detalhes e discorre sobre como a subjetividade ararense era constituída há décadas, e como ela é constituída ainda hoje, contribuindo para a discussão a respeito do tema a partir da interpretação de reportagens e de entrevistas por meio da análise do discurso. Ele mostra que há outros meios para se tratar a loucura, nos quais o louco não é trancafiado em um manicômio, mas tem o direito de conviver com os demais habitantes da cidade.

## MÉTODO

O problema de pesquisa de Pitoli (2005) foi: **o lugar que o chamado “louco” ocupa na subjetividade ararense**, abrangendo o que havia em particular na subjetividade de Araras no que diz respeito ao seu encontro com o louco, a loucura e a formação do manicômio. O método de seu trabalho foi sendo delineado a partir deste problema de pesquisa.

no hospital psiquiátrico”, defendida em 2010. É possível compreender a atualidade do trabalho de Pitoli, pois seu TCC, em 2005, já demonstrava uma subjetividade manicomial que vinha desde os primórdios da construção do manicômio na cidade, e com a sua dissertação em 2010, o autor aproxima-nos novamente dessa realidade.

Foram entrevistados seis cidadãos ararenses, escolhidos a esmo, e uma psicóloga do hospital psiquiátrico. As perguntas foram as seguintes:

- 1) Quando pensamos no louco, qual é a primeira ideia que vem à sua mente?
- 2) O que você entende por loucura?
- 3) Qual é o lugar do louco na cidade?
- 4) Qual é a origem da loucura?
- 5) Qual é o gesto de loucura que você já presenciou (uma cena de que você se lembra)?

Essas questões enriqueceram o trabalho, uma vez que, por meio delas, a pesquisa passou a desvendar as facetas dessa subjetividade ararense, as quais são muito importantes para compreendermos os questionamentos suscitados pelo trabalho.

Partindo de autores, como Foucault e Marlene Guirado, Pitoli (2005) analisou suas entrevistas e reportagens. O autor valeu-se da ideia de que há um entrelaçamento constante e unívoco entre o discurso e a subjetividade. Desta forma, ele retomou a noção de *formação discursiva* trabalhada por Foucault. Assim, a partir desta obra, Pitoli (2005) pretendeu:

pontuar a formação discursiva como sempre atrelada a um contexto que reproduz toda uma subjetividade que lhe é imanente. Através de certos procedimentos de exclusão, o discurso na sociedade contemporânea, delimitou posturas, ações, gestos, experiências no âmbito das vivências humanas (p. 23).

No capítulo “Um método possível”, o autor realizou uma explanação referente ao método que ele utilizou em sua análise: a análise do discurso. Além das entrevistas realizadas, foram analisadas algumas reportagens com o intuito de visualizar, com maior clareza, as relações que a cidade foi construindo na sua história no que concerne ao louco e como o manicômio foi sendo caracterizado às pessoas da cidade.

Deste modo, o método utilizado na pesquisa é muito interessante, tanto na análise das entrevistas como na análise das reportagens (análise documental) dos anos de fundação do manicômio na cidade, “reportagens com a temática da loucura, do louco e do sanatório nas décadas de

40, 50 e princípio dos anos 60” (p. 9), que o autor buscou no Jornal “*A Tribuna do Povo*”, o que trouxe um viés histórico essencial para o trabalho. Constitui um ponto bastante relevante do trabalho o fato de o autor ter dedicado um capítulo para falar do seu método, promovendo, assim, uma discussão fundamental para a compreensão de sua pesquisa.

## RESULTADOS

No trabalho<sup>2</sup>, o autor discorreu sobre sua trajetória como integrante de um projeto de extensão em saúde mental do curso de Psicologia da FHO|Uniararas e como estagiário de Psicologia. Ambas as atividades foram desenvolvidas em um ambulatório de saúde mental na cidade de Araras.

No seu percurso, Pitoli (2005) abordou experiências que o colocaram em contato com os modos “de se fazer e se pensar a clínica na saúde mental [...] pautando-se nos ideais da reforma psiquiátrica e em alguns constructos da teoria psicanalítica” (p. 1), além do trabalho referente à própria loucura, ao louco e às suas relações na cidade de Araras.

O autor tomou como tema as concepções que os habitantes de um município do interior de São Paulo possuem a respeito da temática da loucura e dos chamados “loucos da cidade”. Em suas experiências, Pitoli (2005) pôde ver e sentir as dificuldades de se empreender outras formas de clínica, além de ter entrado em contato com histórias de exclusão e violência de pessoas que passaram por tratamento psiquiátrico. Em meio a essas questões, o autor passou a se sentir incomodado, questionando os modos de tratamento da loucura existentes no município. A reflexão sobre o sentimento de incômodo torna a obra um instigante trabalho a respeito do tema da loucura e dos seus modos de tratamento.

Pitoli (2005) também ressaltou que o modelo manicomial de atendimento não se restringe apenas aos hospitais psiquiátricos por excelência, podendo ocorrer em qualquer espaço ou relação. Em seus exercícios como estudante, o autor notou que o louco ocupava um lugar particular na subjetividade ararense, já que era um pensamento recorrente o fato de que o louco precisa de tratamento, e o responsável por isso seria o hospital psiquiátrico.

tendo como banca as professoras doutoras Simone Aparecida Ramalho e Ana Cristina Delgado Lopérgolo.

<sup>2</sup> Pitoli teve como orientador o professor doutor Nivaldo Alexandre de Freitas. O trabalho foi defendido em 2005,

Pitoli (2005), como morador da cidade, relembrou suas memórias sobre o sanatório, quando pessoas se referiam a essas relações "manicomiais" com frases que elogiavam o manicômio, caracterizando o local como "salvador", ressaltando que lugar de louco é somente no hospital psiquiátrico. Tais vivências foram suscitando questões, como:

O que havia em particular na subjetividade de Araras em relação ao seu encontro com o louco, a loucura e a formação deste grande manicômio? Por que o louco sempre foi endereçado ao "sanatório"? Por que, além dos loucos, o manicômio também destinava-se aos chamados "depressivos", aos usuários de drogas, aos deficientes mentais? Por que alguns profissionais da área de saúde mental do município são, de certa forma, relutantes quanto a diferentes modos de se pensar e "tratar" a loucura fora dos modos manicomiais? Ademais, como vimos acima, por que algumas pessoas do município, apesar dos infortúnios deflagrados pelos especialistas, continuam a esperá-los como se dependessem estritamente deles? (p. 5).

Emergem então os objetivos do trabalho: pensar alguns elementos da subjetividade ararense quanto às suas representações sobre o louco, a loucura e o manicômio;

compreender um pouco melhor alguns elementos da subjetividade de Araras quanto a um certo 'investimento manicomial' subjacente neste município [...] delimitar algumas especificidades que o município está sedimentado quanto às suas representações sobre o louco, a loucura e o próprio sanatório (p. 7).

Além de buscar

mapear algumas particularidades deste município no tocante às suas relações com o louco, a loucura e o papel que representa o manicômio na subjetividade ararense [...] (sendo que o) intento é ressaltar que a loucura pode conviver em outros espaços que não o sanatório (p. 8-9).

Para melhor localizar o leitor na obra resenhada, este trabalho será discorrido na ordem dos capítulos tecidos na monografia. No capítulo "A loucura anômala e a loucura do subsistir", o autor apresenta um pequeno percurso da loucura na

história. Retoma, então, os escritos de Foucault sobre a *História da Loucura*, visando "destituir a loucura do espaço de negatividade e de doença que a marcou desde o cartesianismo, para um espaço de circulação, de convívio livre e possível fora dos manicômios" (p. 8). O autor conclui então que a loucura, a doença mental e o asilo psiquiátrico são construções históricas que surgiram para homogeneizar, reprimir as diferenças e extinguir comportamentos que iam de encontro às normas vigentes e ainda hoje funcionam de modo similar.

O autor apropria-se do pensamento de Canguilhem (1995), que traz a concepção de sujeito normal, ou seja, aquele com possibilidades de instituir novas normas, e reflete sobre o fato de a loucura poder ultrapassar o lugar que atualmente ocupa, conforme constatado nas entrevistas. Esse lugar é muitas vezes compreendido como animalesco, em particular na cidade de Araras, onde o louco é visto como aquele que "perdeu" a razão e as características de um ser humano. Desta forma, deve-se abrir espaço para as diferenças, e não para a exclusão. Ainda neste capítulo, o autor transcorre sobre o racionalismo cartesiano que "aprisionou" a razão, isto é, apropriou-se de seu conceito, tornando-a fator de exclusão. Para que uma cidade possa não mais enclausurar a loucura, é necessário que as pessoas se libertem deste modo racional de pensar.

O fato de o autor ter utilizado reportagens para contar como Araras ganhou seu hospital psiquiátrico com o objetivo de "procurar na história de Araras elementos da subjetividade que já se faziam presentes naquela época, e que ainda se refletem na cidade" (p. 9) condiz exatamente com seu método, sendo o contexto histórico um fator essencial para sabermos e compreendermos as práticas de hoje. Com isso, sua conclusão é muito interessante, pois mostra que temas semelhantes têm sido abordados há décadas. Deste modo, no decorrer do trabalho de Pitoli (2005), esses temas ainda repercutiam nas falas dos munícipes da época.

No subcapítulo intitulado "A análise do discurso como possibilidade metodológica", Pitoli (2005) localiza o leitor na análise do discurso encontrada na obra de Marlene Guirado, a qual "entende o discurso enquanto cena enunciativa, isto é, há um entrelaçamento constante entre os termos sujeito e discurso. Como se um não se definisse sem o outro" (p. 26). Assim, um discurso não se

constitui como algo individual, mas está sempre atrelado a um conjunto de regras que o sujeito não domina. Por esse motivo, o indivíduo não pode ser separado de toda a trama histórica e social que o envolve.

O autor empreende a análise discursiva das entrevistas no capítulo “Araras no discurso”, separando os temas que se tornaram evidentes no decorrer do processo da análise. É relevante o fato de o autor ter buscado mesclar entrevistados de faixas etárias diferentes, para, assim, poder abordar elementos diversos, o que tornou o trabalho mais abrangente, ampliando o campo dos discursos, não falando sobre os pontos de vistas de um mesmo grupo.

As memórias do autor também foram empreendidas no trabalho e, visando complementar as análises, Pitoli (2005), como munícipe da cidade em questão, não pôde deixar de acrescentar suas memórias no decorrer do trabalho, dando outra perspectiva à pesquisa, pois, ao mostrar seu grande envolvimento, ele adicionou uma nuance empolgante à obra.

De acordo com Pitoli (2005):

Contudo, no que toca à loucura e ao seu louco, vimos que a cidade de Araras possui algo que podemos chamar de singular, pois, não é por simples acaso que ainda abrigamos um dos maiores manicômios do Brasil [...] pudemos verificar o quanto aqueles discursos, desde as antigas [...] trazem elementos muito parecidos, em comuns [...] (p. 98).

## DISCUSSÃO

A partir das perguntas (citadas anteriormente) do roteiro de entrevista elaborado por Pitoli (2005), os seguintes temas foram percorridos: “o louco que nos agride”, “o louco perigoso”: sendo o manicômio o lugar delegado à contenção desta agressividade; “o louco nunca visto, o louco imaginado”: entrevistados mostraram ter visto o louco apenas pela televisão ou somente ouviram falar sobre ele; “o louco como um desarrazoado... Como um animal?”: que foi destituído da razão, o que sustenta, na subjetividade ararense, as propostas de controle do louco.

O tema “o louco e o seu apanágio na cidade” possibilita uma reflexão sobre a questão do lugar do louco na cidade. Esta é a principal questão em seu trabalho, pois, partindo dela, o autor colheu

respostas dos munícipes, as quais possibilitaram a caracterização de maneira enfática da subjetividade ararense. Mesmo sem falar qual é o lugar do louco na “cidade de Araras” em sua pergunta, a maioria das respostas foi bastante concreta ao dar ao louco o lugar exclusivo do manicômio, alguns citando com ênfase o nome do sanatório da cidade – o Sayão.

Outros temas ainda são: “O louco como um transgressor das regras... do padrão... da anormalidade”; “Várias espécies de loucos e loucuras”; e “O louco que necessita de tratamento, de cura, do médico”, que nas palavras do próprio autor, nas entrevistas,

em todos os momentos há um empreendimento em se propor um “tratamento” às desventuras que as *alterações de comportamento* acarretam [...] o hospital psiquiátrico, a internação e a interferência dos enfermeiros são iminentes aos pressupostos de uma certa volta a um estado tido como *normal*, através dos meios de tratamento e tutela (p. 57-58).

Na época em que o trabalho foi realizado, esses tratamentos ainda eram tidos como privilégio característico do chamado cidadão, que possui todos os direitos de passar por uma terapêutica e assim conseguir a “cura”. Por fim, no último tópico, intitulado “Afinal, de onde vem a loucura?”, o autor percebeu que os entrevistados passaram por caminhos diversos, os quais individualizavam a questão da loucura ao sujeito que é atravessado por ela, não considerando todo um modo de produção de subjetividade contemporânea que “enlouquece” as pessoas.

Ao final da análise, é possível ver que a fala da psicóloga entrevistada é muito semelhante às falas dos munícipes, evidenciando um senso comum até mesmo por parte da profissional de quem se espera uma fala pautada em uma literatura mais especializada e coerente sobre práticas, teorias e ética da sua profissão, mas o que vemos é a psicóloga utilizando palavras como “traumas” e “surto” de forma equivocada, do mesmo modo como são veiculadas pela mídia.

No capítulo “De como Araras ganhou a sua ‘Casa Verde’”<sup>3</sup>, Pitoli (2005) utilizou reportagens com a intenção de:

procurar na história de Araras elementos da subjetividade que já se faziam presentes naquela época, e que ainda se refletem na cidade [...] pontuar a especificidade de Araras quanto às suas relações e elementos manicomial (p. 9).

O autor iniciou um olhar sobre o período histórico que compreende a constituição do manicômio na cidade de Araras, pretendendo, ainda, analisar se tais representações fazem parte do cenário cotidiano de Araras nos dias atuais.

Ao perpassar por temas que eram tratados nas reportagens, vê-se que eles ainda repercutem nas falas dos entrevistados, havendo, desde aquela época, certo regozijo nas propostas para separar a loucura do convívio social, além de uma concepção biológica, que localiza a “origem” da loucura exclusivamente “dentro” do indivíduo, no seu corpo. Nas reportagens, exatamente como nas entrevistas, são encontradas ideias sobre os diferentes “tipos de loucura”; a agressividade e a periculosidade do louco; e a loucura como sendo algo que se localizava na “cabeça” do indivíduo.

Vemos ainda a fala sobre uma “loucura latente” existente em todo ser humano e, por isso, os habitantes da cidade são colocados “numa posição de constante ‘vigilância’ diante das pessoas [...] é como se sempre tivéssemos que manter um olhar a partir de uma ‘distância’ para com as pessoas da cidade” (p. 72). Essa vigilância intensifica relações de exclusão para qualquer forma de “desvio” das regras sociais tidas como “normais”. Por isso, o sanatório torna-se o lugar de quem é diferente, vai contra as normas vigentes, apresenta desvios dessa “normalidade”, sendo necessários tratamento e profissionais especializados para lidar com esses “loucos”.

Ao lermos o trabalho de Pitoli (2005), diversas questões são suscitadas, entre elas: por que o quadro em que se encontra o louco não foi transformado? Contudo, algumas mudanças ocorreram nas políticas, na forma de olhar para dentro do manicômio e nas parcerias com o Sistema Único de Saúde (SUS). No imaginário da

população, porém, os discursos continuam os mesmos de décadas atrás. Pitoli (2005) apresenta uma obra que nos remete às inquietações do próprio autor e de tantas outras pessoas, sendo o leitor também incitado a sentir-se inquieto.

Qual é o motivo para que Araras mantenha certos aspectos intactos a respeito da subjetividade de seus habitantes? Nesse sentido, existem políticas públicas de saúde mental, mas por que elas não são implantadas de modo eficaz na cidade de Araras? Todas essas questões vão sendo formuladas ao longo da leitura do trabalho de Pitoli (2005), e essa leitura conduz o leitor a uma reflexão sobre o tema. Tais questionamentos são importantes para que, estando incomodado também, o leitor comece a refletir e, talvez, a mobilizar-se. Essa é uma grande contribuição de Pitoli (2005) para os habitantes da cidade, para seus dirigentes e também para militantes do Movimento da Luta Antimanicomial.

No capítulo “Luzes diferentes à nossa loucura”, o autor destaca a “possibilidade de outras luzes, outras ressonâncias possíveis e diferentes encontros com o louco.” (p. 84). Em especial, esse capítulo possui enorme importância, pois é nele que o autor apresenta outras formas de tratar a loucura, mapeando algumas experiências substitutivas ao modelo hospitalocêntrico e asilar, sem a pretensão de: querer apresentar uma solução para a cidade de Araras, apontar alternativas ou incitar uma radical mudança no olhar dos munícipes em relação ao louco. Pitoli (2005), no entanto, vê nessas experiências uma possibilidade de vislumbrar outras formas de convivência com o louco nas ruas.

A partir desse capítulo, outras questões importantes são levantadas pelo trabalho: por que esses outros modos de entender a loucura não atravessam os muros e não alteram as relações na cidade de Araras? Quais são os motivos para que Araras mantenha essa “capa manicomial”?

Sobre tais questionamentos, o trabalho de Pitoli (2005) indicou caminhos que podem ser seguidos, além de ter mostrado a história e a subjetividade da cidade de Araras. Assim, o autor se propõe a investigar essas questões, convidando-nos a pensar sobre o tema.

Neste capítulo, são apresentadas práticas que a cidade de Araras parece desconhecer, ou

<sup>3</sup> O autor utilizou a expressão “Casa verde” para denominar o manicômio, fazendo uma alusão à obra “*O Alienista*”, de Machado de Assis.

ignorar, e, na dimensão dos motivos pelos quais isso acontece, o trabalho de Pitoli (2005) é extremamente importante, pois contribui para que os munícipes constatem essa realidade, passando a se questionar e a refletir sobre suas práticas e relações, uma vez que experiências substitutivas ao modelo manicomial “decorrem em grande parte da vontade de alguns especialistas e da própria comunidade que consente em apreender novas concepções sobre a loucura, o louco e a não necessidade de interná-lo” (p. 10). Desta forma, a pesquisa também oferece ao leitor outras possibilidades, proporcionando um sentimento de esperança para os moradores da cidade.

Ao apresentar possibilidades diferentes daquelas que acontecem na subjetividade de Araras, o autor afirma que modelos de reforma são possíveis e importantes para uma melhor atuação no campo da saúde mental em consonância com os direitos humanos e com as atuais políticas públicas de saúde mental. Desta forma, Pitoli (2005) consegue mostrar que existem outras formas não violentas e não excludentes de se tratar os “loucos da cidade”, as quais são de grande relevância no contexto atual.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais, Pitoli (2005) discorre sobre a dificuldade de concluir um “trabalho cujo teor sempre esteve inexoravelmente imbricado com a história particular do autor ou pesquisador. [...] Há uma verdadeira revolução interna, sentida no corpo como algo que ferve e nos deixa sem fôlego, às vezes” (p. 97). Grandiosa e brilhantemente, porém, o autor contribui para o tema, pois conduz o leitor à reflexão, gerando “revoluções” em quem lê sua obra.

O autor conclui dizendo que seu trabalho pode representar um mínimo de intervenção nesta “cultura manicomial” existente na cidade, tendo em vista que “nunca transformaremos a cidade e suas relações com a loucura, e tampouco o manicômio na utópica harmonia celeste” (p. 100). Pitoli (2005) acredita que:

um caminho, ou melhor, uma pequena viela, foi aberta na cidade. Não que essa ínfima brecha seja a melhor ou a certa, porém, uma brecha capaz de mexer, de embaralhar as ideias e de incomodar estruturas cristalizadas (p. 100).

Como morador de Araras, o autor poderia simplesmente reproduzir os discursos obtidos em suas entrevistas, mas ele se incomoda com esses aspectos da subjetividade ararense e, a partir de suas reflexões, presenteia-nos com essa obra que muito tem a contribuir para o tema. Se não buscarmos saber sobre o assunto tratado neste trabalho, se não houver pesquisas como esta que Pitoli (2005) realizou, como será possível transformar este cenário? As subjetividades serão reproduzidas até que os habitantes da cidade comecem a refletir a respeito de todas as questões abordadas no trabalho de forma bastante interessante.

Mais uma questão surge: será que é possível fazer algo para mudar essa realidade? E, para respondermos ao questionamento, mais uma vez não podemos nos esquecer da contribuição de Pitoli (2005), que inicia uma pequena, mas importante intervenção nessa subjetividade com seu trabalho, no qual ele empreende esforço e dedicação visando refletir sobre: a cidade de Araras, seus loucos, suas relações e suas práticas de cuidado. Deste modo, podemos então considerar seu trabalho como um marco da subjetividade ararense.

Por meio de sua experiência e de seu trabalho, Pitoli (2005) acredita que os munícipes possam “vislumbrar pontos de ruptura capazes de sobrepujarem os investimentos manicomialmente imanentes à cidade, e caracterizar novos dispositivos de reflexão um pouco mais libertos das certezas medicalizantes, tutelares e patológicas acerca do desatino.” (p. 11).

Assim, o autor, humildemente, explorou o tema sem trazer soluções prontas, possibilitando uma importante reflexão sobre as relações com os “loucos da cidade” e com as práticas de cuidado em relação à loucura. Deste modo, diante de uma pesquisa de grande qualidade, o que fica ao final da leitura é uma satisfação em virtude da existência de alternativas em meio a tantos questionamentos e incômodos.

Assim sendo, poder escrever e refletir sobre o trabalho de Pitoli (2005) é bastante gratificante, pois sua obra possui relevância científica e social pelo fato de discorrer a respeito de um tema largamente discutido atualmente, além de contribuir para a promoção da garantia dos direitos humanos e de um convívio com as diferenças, que é tanto possível quanto necessário. A obra do autor é importante não apenas para psicólogos, mas

também para toda a população da cidade e para profissionais de todas as áreas interessadas nas relações humanas, nas práticas de cuidado etc.

Seu trabalho pode ainda ser imprescindível para gestores da cidade de Araras, bem como de todo o Estado de São Paulo, haja vista que pode auxiliar na implantação e na formulação de políticas públicas de saúde mental. Os dados obtidos pelo autor podem ser úteis para que questões de saúde mental sejam repensadas. Assim, seu trabalho possui um alcance abrangente, sendo de grande importância em todas as áreas comprometidas com relações sociais, humanas, de saúde etc.

É possível pensar também sobre a importância de que, durante o curso de graduação, os futuros psicólogos possam refletir a respeito das mais diversas práticas e relações, principalmente no que diz respeito àquelas que, de alguma forma, estão relacionadas aos direitos humanos. É essencial que as práticas não se reproduzam sem a possibilidade de que sejam questionadas e transformadas. O autor parte de sua experiência como estudante e contribui decisiva e extraordinariamente para algo em que ele acredita e luta.

A obra de Pitoli (2005) é de grande importância para a cidade de Araras e sua região, uma vez que ela inicia uma discussão relacionada à naturalização do modo de se tratar a loucura a fim de se criar meios mais dignos de tratamento. Desta forma, devem ser suscitadas mobilizações por parte dos municípios e dos profissionais da saúde mental

para que haja uma subjetividade menos excludente no município.

O leitor pode esperar uma leitura cativante, na qual o autor construiu uma trama que nos envolve com seus questionamentos, causando em nós incômodo em relação à subjetividade que vem sendo reproduzida há décadas na cidade de Araras. Com isso, a leitura do trabalho de Pitoli (2005) contribui para o campo da saúde mental ao revelar o mecanismo de reprodução dessa subjetividade, além de apresentar os modos de relação e de tratamento para com o louco e o diferente.

Pitoli (2005) merece cumprimentos por sua audácia, pois mexer, pelo pouco que seja, nessa capa manicomial, é algo ousado e importante. Para que esse problema seja superado, as pessoas devem, com sentimento de inquietação, questionar as relações manicomialis, não as aceitando como naturais, sendo relevante também a reflexão sobre esse tema a fim de que sejam encontrados outros meios para transformar essa realidade.

Assim, deixamos o convite para que o leitor se aventure na leitura da obra de Pitoli (2005), que fascina, incomoda, traz questionamentos, reflexões, mobilizações e esperanças.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PITOLI, J. P. **O discurso que enclausura: o lugar que o louco, a loucura e o manicômio ocupa na subjetividade ararense.** Trabalho de Conclusão de Curso, FHO|Uniararas. Araras, SP, 2005.